

Movimento Impetuoso da Alma

Texto de criação coletiva

Personagens

Apresentador

Arauto

Dom Quixote

Sancho Pança

Dançarinos de coco

Médico

Escrivão

Zefa

Marinheiros

Apresentador

Garçom

Carmelita

Capitão

Prólogo

(varanda/sala)

Cantor - Tem teatro no canto do bode, Agora também no pagode.

Que somente os dementes, os loucos, os teatros,

Os corações, os quixotes, os palhaços,

Podem vencer os dragões aliados

Aos caminhões e aos supermercados.
E assim retornando essa doce loucura
Que o transe, o abandono e o delírio procura
Pra devolver ao amor plenitude
No êxtase ter-se outra vez a virtude.
Que a inocência, essência do sonho, devolva
Os sais abissais do amor às alcovas.
Desta casa onde casa e se cria
Um degrau
Da minha catedral
O teatro do ator que recria
Quixotes de Espanha
La Mancha e Bahia.
E pelo arauto
No alto do palco
Onde o mito vomita uma história
Que repete a estória da história.
O canto do bode Espermatozoide E o pagode na prece
Do samba-enredo reconhece...
Que somente os dementes, os loucos, os teatros...

(Tom Zé)

Arauto – Fica decretado que, a partir deste instante,

Haverá girassóis em todas as janelas,
Que os girassóis terão direito
A abrir-se dentro da sombra,
E que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
Abertas para o verde onde cresce a esperança.

(Thiago de Mello)

Demente – Ame sem saber o que

Nem onde
Perca-se do porquê
Sem face ou motivo
Camisa ou sentido
Quando se ama
É porque a contradição da gente esta do lado de lá

(Herbert Proença)

Louco – Um toque

Casual, acidental
Permitido, social
É o mais perto
Que posso
De você
Uma palavra
Ato falho

Ou burrice

É o mais perto

Do conforto

De você

Bobeira, coisa aqui e lá

(Herbert Proença)

Teatro – Não há cristo, roubo

Ou piscadela

Que me furte a atenção

Minha espera na janela

Chorando aos cantos

Sem saber do que se trata

Bem que me disseram

Ai, essa paixão

Ainda me mata

(Herbert Proença)

Coração – Amor, então

Também acaba

Não, que eu saiba.

O que eu sei

É que se transforma

Numa matéria prima
Que a vida se encarrega
De transformar em raiva.
Ou em rima.

(Paulo Leminski)

Palhaço – Eu queria a flor do beija-flor

Mas não
Eu amo o beijo, e amo a flor
E a flor
Anseia e beija
Somente
Então vejo,
A paisagem
De bela
De singular
De correta
De linda
De longe...
Paisagem

(Herbert Proença)

Cena 1

(sala)

Arauto – Venho em nome dos Deuses Controladores das Paixões que movem a terra, para vos guiar pelo caminho das descobertas alheias... Sintam-se a vontade!

(Dom Quixote e Sancho Pança aparecem pela porta da sala).

Dom Quixote – Quem é você homem? E quem são esses Deuses Controladores?

Sancho Pança – É, quem são?

Arauto – Ora, quem são... São os Deuses Controladores das Paixões!

Dom Quixote – E onde eles estão?

Sancho Pança – É, onde eles estão?

Arauto – Meus senhores, vocês querem arrumar briga comigo, há esta hora? Querem acabar com o espetáculo?

Dom Quixote – Que espetáculo?

Arauto – O qual vocês estão fazendo parte.

Dom Quixote – Eu não faço parte de nenhum espetáculo.

Sancho Pança – É, o meu senhor já é um espetáculo!

Arauto – Sim, tu és um espetáculo Dom Quixote! Apenas gostaria de avisá-los que neste momento vocês estão DENTRO de um espetáculo. Fiquem à vontade.

(Chega a turma do coco)

Todos - Boa noite, boa noite

Foi agora que eu cheguei
Fui chegando e fui cantando
Se é do seu gosto eu não sei

Todos - Refrão (2X)

Dona Mariquinha da feição miudinha
Seu manué da fulor do limão

Mulher 1 - Eu queria que chovesse

Uma chuva bem fininha
Pra molhar a tua cama
E você dormir na minha

Todos - Refrão (2X)

Homem 1 - Seca, seca as umborana

Enverdece os alecrim
Você está de amor novo
Nem se lembra mais de mim

Todos - Refrão(2X)

Mulher 2 – Eu joguei a prata n'água

A prata mudou de cor
Eu também quero mudar
Meu sistema de amor

Todos – Refrão (2X)

Homem 2 – Quem quiser pegar uma moça

Bote um laço na janela
Ainda ontem peguei uma
Morena cor de canela

Todos – Refrão (2X)

Mulher – Lá na fonte das pedrinhas

Fui fazer as minhas queixas
Uma das pedras me disse
Que amor firme não se deixa

Todos - Oi pisa miudinho, miudinho, miudinho, miudinho, miudinho, miudinho

Uma pisada, Duas pisada, Três pisada, limão

(A turma do coco sai dançando da sala)

Arauto – Fica decretado que a maior dor

Sempre foi e será sempre

Não poder dar-se amor a quem se ama

Sabendo que é a água

Que dá a planta o milagre da flor.

(Thiago de Mello)

Vamos seguir o caminho meus senhores, é logo aqui ao lado. Venham...

Cena 2

(salinha)

Vídeo: “Cão Fiel”

Cena 3

(porta banheiro)

Doutor – Sabemos que o amor apaixonado também proporciona felicidade e intensas satisfações, ao passo que o transtorno obsessivo é um sofrimento. A fronteira entre ambos é que com o passar do tempo a paixão sofre modificações e a serotonina deixa de ser seu principal neurotransmissor dando lugar a dopamina (que é o neurotransmissor do prazer). Isso foi verificado nos indivíduos “recém-apaixonados” do teste após um ano, quando consumaram sua conquista (acabando com o “platonismo” realizando o ato

sexual). Em outras palavras a paixão obsessiva da fase inicial da conquista pode se transformar no prazer duradouro e estável do amor.

Cena 4

(Sai da porta do depósito/ Dirige-se para a Cozinha)

Zefa – Chega aqui minha gente, a cozinha é pequena mais cabe todo mundo! Enquanto a gente vai proseando, eu vou fazer uma pipoquinha pra gente. Óia, eu vou falar uma coisa proceis...A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastada. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito. Não aguento ser apenas uma sujeita que abre portas, que puxa válvulas , que olha o relógio, que compra pão às seis horas da tarde, que vai lá fora, que aponta o lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai mas eu preciso ser outras. Eu penso renovar o homem usando borboletas. Nasci para administrar o à-toa, o em vão, o inútil. Pertenço de fazer imagens. Opero por semelhanças. Retiro semelhanças de pessoas com árvores, de pessoas com rãs, de pessoas com pedras etc. etc. Retiro semelhanças de árvores comigo. Não tenho habilidades pra clarezas. O mundo meu é pequeno, senhor. Tem um rio e um pouco de árvores. Nossa casa foi feita de costas para o rio. Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves. Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio. Quando o rio está começando um peixe, ele me coisa, ele me rã, ele me árvore.

(Manoel de Barros)

(As pipocas começam a estourar e uma procissão passa no meio do público)

Canto da procissão: "Valei-me nossa senhora / Santo Antonio de Nazaré / a vaca mansa dá leite / a brava dá se quiser"

Zefa – *(entregando a bacia de pipocas p/ alguém do público)* Faz favor, vai passando, podem ficar à vontade para pegar o quanto vocês quiserem. Agora sou eu que vou guiar vocês pelo caminho. Alguém quer desistir? Não! Que bom! Podem vir por aqui.

(Zefa conduz o público até o quintal)

Cena 6

(quintal)

Coreografia: Marionetes manipuladas pela paixão

Música: “Atração Fatal” (Ná Ozzetti e Luiz Tatit)

Cena7

(ode ao Fumo)

(Telefone toca)

Escrivão - Cruz na porta da tabacaria? É, eu vi. Quem morreu? Quem? O próprio Alves?

(Meia voz) Dou ao diabo o bem-estar que trazia, rapaz... Sim. Até logo. *(Desliga. Suspira. Diz Lentamente)* Desde ontem a cidade mudou.

Escrivão: Ainda bem que tenho cigarros para me acalmar. Na verdade, quando fumo, eu mais penso que fumo.

Médico – No mundo todo morrem a cada ano cerca de 3,5 milhões de pessoas de doenças relacionadas ao fumo. No Brasil, são estimadas 100 mil mortes. Somente este centro recebe cerca de 20 casos de quadros clínicos decorrentes do tabagismo.

Escrivão – Quer saber? O que aconteceu é que se travou desde a primeira tragada uma luta e um dilema de universal ingratidão. Frente à arte do gozo, a fraqueza dos homens. Uma vez perdidos, ou naturalmente confusos, os sentidos reclamam seu contentamento, disfarçado de inebriante fumaça cancerígena. Para que se morra, é preciso primeiro viver.
(Respira fundo, levanta-se)

Médico – Para que se viva, é preciso cuidar. J.M., sexo feminino, 37 anos. Um quadro de paracoccidioomicose, cujo mecanismo de infecção humana é a via inalatória. 5 vezes mais chances de desenvolvimento da doença em fumantes. Começou a fumar aos 15, época em que iniciou suas atividades sociais recreativas.

Escrivão – Mas fumar um cigarrinho depois do almoço. Hmmm, num tem coisa melhor.

Médico – O prazer decorrente do cigarro é causado pelos mecanismos fisiológicos de mais de 4720 substâncias, a principal delas, a nicotina. E.R., sexo masculino, 54 anos. Sabe-se que o cérebro possui receptores de nicotina, onde o composto se encaixa e de onde começam a ser liberadas substância no corpo. São, na verdade, estas substâncias que estão envolvidas no processamento de sensações como bom humor e relaxamento. Tem mulher e 4 filhos.

Escrivão – É, no fim acaba nisso. Consciente omissos, ou rebelde desvairado da causa tabagista. No mais, omissos e desvairados, todos mudam, é fato. Não sendo omissos, sou desvairado, me recuso, me condeno e me salvo: Posto que se eu quiser fumar, eu fumo...

Médico – A dependência controla o hábito. O indivíduo sente-se preso.

Escrivão - Se eu quiser beber, eu bebo... Não me interessa mais ninguém ...

Médico – Coitada da mulher.

Escrivão – Olha aqui, desconfia dos que não fumam; esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira sutil, e disfarçada de suspirar.

Médico – Deu seu último suspiro às 14:52

Escrivão – Ahhh, cigarro, cigarro, minhas delícias, Quem de ti não gostarás?

Médico – Eu abomino o vício.

Escrivão – Ora, o cigarro é um prazer de que preciso sempre, apenas isso. Qualquer semelhança com vício é meramente casual.

Médico – Naturalmente, ninguém admite a situação de ausência de controle.

Escrivão – Ahhh, Sim; - já por dedos de neve, posto entre lábios de rosa, em gentil boca mimosa, tu te ostentas com vaidade. Ahhh, que sorte digna de inveja! Ahhh, que pura felicidade!

Médico – Toma um fósforo, acende o teu cigarro...O beijo amigo, é a véspera do escarro.

Escrivão – Mas que tal prazer seja eterno enquanto dure, posto que é chama.

(Médico entra e entrega papéis para o escrivão)

Médico – Aqui estão os laudos. *(já saindo)* Não é permitido fumar neste ambiente. *(sai)*

(escrivão apaga o cigarro e sai em seguida)

Cena 8

(pedido aos Deuses)

Arauto – Meus senhores, querem acabar com o espetáculo? Tem uma garrafinha pra cada um... Podem pegar. Não podemos continuar o caminho se vocês não escreverem seus pedidos para os Deuses Controladores das Paixões que movem a terra...

(sanfona no Camarim do cabaré – globo giratório – tempo para o público escrever seus pedidos)

Cena 9

Chegada dos Marinheiros na porta do Cabaré

(chegam cantando, fazendo festa)

(Marinheiro 1, Marinheiro 2, Marinheiro 3 e Marinheiro 4).

Marinheiro 1 - Até que enfim, saímos daquele navio!!

Marinheiro 2 - Não aguentava mais descascar batatas...

Marinheiro 3 - O pior é ficar de plantão com o comandante.

Marinheiro 4 - É aqui. Ah, não vejo a hora de ver Carmelita...

Marinheiro 1 - E se não for Carmelita que vai dançar hoje?

Marinheiro 2 - O apaixonadinho vai embora?

Marinheiro 3 - É, eu acho melhor você ir embora mesmo, Carmelita já é apaixonada por mim.

(risadas)

Marinheiro 4 - Vocês não sabem o que estão falando.

(No Camarim)

Carmelita – Arthur, você não colocou o letreiro do meu novo show.

Apresentador – *(tocando)* O que foi?

Carmelita – Você não colocou o letreiro na rua. Como você deseja que o público saiba que eu vou estrear um novo espetáculo?

Apresentador – É bem simples, minha querida Carmelita. Posso anunciar com minhas próprias palavras.

Carmelita – Oh! Que pobreza, se fosse na França... Mas enfim, o que está fazendo aqui ainda?

Apresentador – Estou passando meu texto! Esqueceu que faço um número para chamar a atenção do público para o seu espetáculo.

Carmelita – Querido, seu número já devia estar ensaiado e decorado. Agora chega! Vá, vá, vá...

(Na porta do cabaré)

Marinheiro 1 – Eles não vão abrir hoje não é?

Marinheiro 2 - Vocês trouxeram as garrafinhas?

Marinheiro 3 - Querem apostar que o marujo 04 escreveu Carmelita no seu pedido.

Marinheiro 4 - Mas é claro, os Deuses Controladores das Paixões não de me ouvir. *(beija a garrafa)*

(risadas)

(chega o apresentador)

Apresentador – Boa Noite, Senhoras e Senhores, sejam bem vindos ao cabaré do porto. Nossa Diva Carmelita, fará a estreia de seu novo número, e convida a todos que quiserem ofertar suas paixões, a se deliciar com suas novas delícias. Vamos entrando meus senhores, vamos entrando...

(toca a sanfona)

Cena 10

(no Cabaré)

(Marinheiros na mesa)

Marinheiro 1 - Vamos sentar aqui?

Marinheiro 2 - Esta mesa costuma ser privilegiada.

Marinheiro 3 - E daí, vamos continuar na pinguinha?

Marinheiro 4 - Cadê o garçom desse lugar?

Apresentador – Já está chegando meu senhor, já está chegando...

(Enquanto isso, o público está entrando no cabaré).

(O garçom é o último a chegar)

Apresentador – *(anuncia- humilhando o garçom)* O garçom chegou! Jantou peixe hoje?

Garçom – Não, senhor.

Apresentador – Está atrasado.

Garçom – Eu sei, senhor.

Apresentador – Agora, vai, vai ,vai...

(mesa dos marinheiros)

Marinheiro 4 – *(chamando)* Ô garçom.

Garçom – Pois não, senhores.

Marinheiro 3 – Nós vamos querer a da boa.

Garçom – A da boa para todos?

Marinheiro 1 – Pra gente e pra todas que quiserem vir comigo pro navio.

Marinheiro 2 – Pra mim água.

Todos – Ahhh??

Marinheiro 2- Calma, tô brincando.

Marinheiro 4 – Pra mim uma cerveja.

Todos – Cerveja?

Marinheiro 4 – É, tá calor.

Garçom – Então ficou, 3 da boa e uma cerveja. Já trago.

Cena 11

(No palco do cabaré)

Apresentador – Senhoras e senhores o cabaré do porto agradece a presença de todos.

Divirtam-se...

(música)

(número do apresentador)

(Final do show)

Apresentador – E agora com vocês, a atração mais esperada da noite. A nossa diva Carmelita...

(Número da Carmelita)

(final do show)

Cena 12

(Quem vai ficar com Carmelita?)

(Desce do palco cumprimentando o público em francês)

Carmelita – Bonsoir! Bonsoir!

(vai até a mesa dos marinheiros)

Carmelita – *(fala com sotaque francês)* Boa noite meus queridos, quanto tempo, que saudades de vocês...fiquem à vontade, a casa é nossa...

Marinheiro 1 - O que foi que ela disse?

Marinheiro 2 - Que vocês podem ir embora, ela vai ficar comigo.

Marinheiro 3 - Aí é que você se engana rapaz, ela disse marujo 3.

Marinheiro 4 - Nem um, nem outro. Ela disse pra gente ficar à vontade, que a casa é nossa.

Carmelita – Meus queridos, não vão brigar por minha causa.

Marinheiro 4 – Minha querida, quer tomar alguma coisa.

Marinheiro 1 – Posso ler um poema que eu fiz pra você?

Marinheiro 2 – Eu também tenho um poema que fiz pra você.

Marinheiro 3 – Eu também quero ler o meu.

Marinheiro 4 – Não dê ouvidos a esses marujos desclassificados...

Carmelita – Porque não? Adoro poemas... Quem será o primeiro?

Marinheiro 1 - Eu! *(Lê o poema)*

Carmelita – Direto demais.

Marinheiro 2 - Minha vez! *(lê o poema)*

Carmelita- Pornográfico demais!

Marinheiro 4 - Minha querida, vai continuar ouvindo essas besteiras?

Marinheiro 3 – Opa, vamos respeitar a fila, se você não quer brincar problema é seu...

Carmelita-*(Rindo, bebendo, adorando, se divertindo)* Hahaha, deixe o marujo ler o que escreveu...

Marinheiro 3 – *(Lê o poema)*

Carmelita – Romântico demais!

Marinheiro 4 – A paixão ao ponto é o que desejas? Pois em mim encontrarás?

Carmelita - Tenho que escolher apenas um?

Marinheiro 1 - Seria bem melhor.

Carmelita – Então eu vou ficar com...

Cena 13

(o caminho pulsante)

Arauto – Senhores passageiros com destino ao infinito das paixões, acompanhem-me, por favor. A embarcação já está nos esperando para seguirmos viagem...

(O público segue o caminho).

(Instalações com poesias e paisagens sonoras).

Cena 14

(no navio)

Arauto – Este é o capitão do navio, é ele quem vai nos levar ao mar infinito, por favor, queiram ocupar seus lugares. Vocês com certeza saberão quando agir...

Capitão - Navegar, viver, escrever

Nada é preciso!

Se é somente querido

Desejado.

Da necessidade tirem-se as penas

Tirem a razão

Apresentador - Não a razão!

A razão é a capacidade mais intrinsecamente humana

Nos permite a criação, a comunicação

É o que, de fato, nos controla

É o maior índice da nossa humanidade

Marinheiro 1 – Existe um ponto além da razão, capitão?

Capitão – A paixão é o resgate dos sentidos

A pedra de tropeço da alma

E a pedra de toque da vida

Marinheiro 3 – Não sei se não daquilo que sinto

do que danço

do que aflora quando nela penso

Carmelita – Não é esta a história da história?

Tentativas de o homem dizer sobre o mundo, sobre si mesmo

Ânsia de explicar seus próprios incômodos

E se afasta, afasta o sentido

Zefa – Não gosto muito disso

Nessa de falar das coisas, me perco

Se perde de entender

As coisas são mais bonitas quando não inventadas

Só de viver

Capitão – A paixão é o descuido todo do regular

É a ausência do ponto de nosso controle

É ser assaltado por maré cheia.

Apresentador – Dirias então que o ódio é uma paixão

Ora, o que dizes sugere isso

Como uma moléstia sem controle

Que provoca estranhamentos nas entranhas

É como o ódio!

Escrivão – Não poderia negá-lo

Mas é perigoso

Prender-se nesta coisa somente

O ódio clama pelo que se quer

E se perdeu

Apresentador – A dança que se dança sozinha não tem sentido.

(CANTO PARA A ENTRADA DOS TECIDOS QUE REPRESENTAM O MAR)

Dom Quixote – Das aventuras não temo

Me entrego a lutas

Me foi destinada a infeliz e corajosa sentença

de cavaleiro venturoso

Sancho Pança – Olha que esse barco é grande

E como é pequeno meu mundo, senhor.

Dom Quixote – Eis uma aventura errante

E alegre

E triste

E cheia de boniteza

Se o destino é incerto

A viagem pode ser boa

Pois o que querem muitos por destino

Temos por caminho

(Dom Quixote e Sancho Pança arrastam os tecidos com as garrafinhas para a rua, para o infinito das paixões).

FIM